ISSN: 2358-8829

ENTRE CANÇÕES E ROTINAS: A MUSICALIDADE COMO ORGANIZADORA DA JORNADA PEDAGÓGICA E FERRAMENTA ALFABETIZADORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jônatas Oliveira de Lima [1]
Thallys de Oliveira Rodrigues[2]

1. INTRODUÇÃO

A música está presente no cotidiano da Educação Infantil, nas rodas de acolhida, nas cantigas e nas despedidas. Para Brito (2003), ela é uma linguagem que integra a experiência sensível da criança ao seu desenvolvimento expressivo, cognitivo e social. No entanto, Gohn e Stavracas (2010) observam que, em determinados contextos, a música é reduzida a ações padronizadas da rotina, como cantar para lanchar ou formar a fila, sem que se explorem suas possibilidades educativas. Essa discussão reforça a importância de planejar as experiências musicais, para que elas não se limitem à organização prática do cotidiano.

Este trabalho tem como tema a musicalidade na Educação Infantil como organizadora da rotina escolar e como ferramenta que favorece a alfabetização. Seu propósito é contribuir para que a música seja compreendida como saber pedagógico, ampliando a reflexão de professores e de cursos de formação docente. O objetivo geral é compreender como a musicalidade pode estruturar situações do cotidiano, como acolhimento, transições, brincadeira, refeição e encerramento do dia, integrando-se à proposta de ensino. Especificamente, busca-se identificar suas contribuições para a organização da jornada pedagógica, analisar sua relação com práticas de letramento e refletir sobre o papel do professor.

Adota-se uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, com base em trabalhos do SciELO, do Google Acadêmico e da BDTD sobre musicalização, desenvolvimento infantil, linguagem e alfabetização, analisados de modo interpretativo em diálogo com Brito (2003) e Gohn e Stavracas (2010).

[1]Graduando do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Maurício de Nassau - UNINASSAU, jonatasoliveiradelima28@gmail.com;
[2] Professor orientador: Thallys de Oliveira Rodrigues, Mestre e Doutorando em Ciências da Linguagem (UNICAP). Professor do curso de Pedagogia no Centro Universitário Maurício de Nassau e da Educação Básica na Prefeitura de Abreu e Lima, prof.thallysorodrigues@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

A literatura consultada sugere que a utilização planejada de canções e atividades musicais pode favorecer as transições da rotina, a participação das crianças e experiências relacionadas à linguagem, como brincadeiras com rimas e sons. Nesse processo, o professor tem papel central ao organizar a rotina e propor atividades com intencionalidade pedagógica.

Embora a música esteja presente no cotidiano de muitas instituições de Educação Infantil, a literatura consultada problematiza situações em que ela é utilizada principalmente para organizar a rotina e controlar condutas, sem exploração mais ampla de suas possibilidades pedagógicas. Diante disso, esta pesquisa parte da seguinte questão: como a musicalidade, quando planejada, pode contribuir para a organização da rotina e para o desenvolvimento da linguagem na Educação Infantil? A discussão se justifica pela necessidade de ampliar o olhar sobre a música como saber pedagógico, especialmente na formação inicial e continuada de professores.

2. METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, com discussão descritiva e interpretativa da literatura consultada. O levantamento bibliográfico foi realizado nas plataformas SciELO, Google Acadêmico e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando descritores relacionados à musicalização, à música na Educação Infantil, à rotina escolar, ao letramento e à consciência fonológica.

A seleção do material priorizou publicações que abordam as relações entre musicalidade, organização da rotina pedagógica e desenvolvimento da linguagem na Educação Infantil. Para a discussão, foram consideradas cinco fontes centrais: Soler (2008), Gohn e Stavracas (2010), Silva (2024), Morais e Santos (2024) e Silva (2026), em diálogo com as referências de Brito (2003) e Soares (2003). A análise do material foi organizada em três eixos temáticos: a música nas transições da rotina escolar; as relações entre musicalidade, consciência fonológica e letramento; e a mediação e o planejamento pedagógico do professor.

A discussão foi desenvolvida a partir da leitura e da interpretação das publicações selecionadas, buscando identificar contribuições, aproximações e limites da literatura em relação ao tema investigado. Por se tratar de revisão da literatura realizada

ISSN: 2358-8829

exclusivamente com textos científicos e documentos de acesso público, a pesquisa dispensa registro e avaliação pelo sistema CEP/CONEP, conforme a Resolução nº 510/2016 (BRASIL, 2016).

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A presença da música na Educação Infantil encontra respaldo em importantes diretrizes e documentos curriculares nacionais, a exemplo do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017). Esses documentos reconhecem a música como uma linguagem expressiva que, na BNCC, integra o campo de experiências "Traços, sons, cores e formas", permitindo que a criança explore relações entre som, silêncio, espaço e movimento. Para Brito (2003), a música não pode ser compreendida como um conteúdo isolado ou um treinamento de técnicas formais, mas sim como uma forma de comunicação natural e integral que articula as dimensões afetiva, cognitiva, corporal e social desde os primeiros anos de vida.

Essa conexão da criança com o universo sonoro tem início antes mesmo do nascimento. Conforme destacam Morais e Santos (2024), com base nas pesquisas de Brito (2003), durante a fase intrauterina o feto já reage aos sons dos batimentos cardíacos, aos movimentos do corpo materno e, de maneira especial, à voz da mãe, que se estabelece como a primeira referência afetiva e sonora do bebê. Ao nascer e, posteriormente, ao ingressar na instituição escolar, a criança utiliza a voz e o próprio corpo como instrumentos primordiais de exploração e expressão de suas vivências no mundo.

Nesse processo de desenvolvimento, a vivência musical estabelece uma ponte direta com a apropriação da linguagem oral e com as etapas iniciais do letramento. Como explicam Morais e Santos (2024), o contato frequente com cantigas de roda, parlendas e jogos rítmicos desenvolve a escuta atenta e permite que os pequenos reconheçam as qualidades básicas do som: altura, intensidade, duração e timbre. A percepção das qualidades do som não equivale, por si só, à consciência fonológica, mas pode se articular a ela em propostas que envolvam rimas, sílabas e sons da fala. Essas experiências podem criar oportunidades para que a criança explore aspectos sonoros da

ISSN: 2358-8829

linguagem antes e durante o contato com práticas de leitura e escrita, respeitando a etapa de desenvolvimento em que se encontra.

Além disso, Silva (2024) aponta que canções acumulativas e dotadas de onomatopeias exercem uma função metalinguística relevante, pois exercitam a memória auditiva, ampliam o vocabulário e estimulam a associação entre as palavras e os objetos reais. Paralelamente, o contato com fontes sonoras e instrumentos musicais trabalha a coordenação motora, a percepção temporal e a atenção concentrada, elementos que também sustentam a organização do pensamento e da expressão verbal (SILVA, 2026).

No entanto, para que essa linguagem se desenvolva com significado, ela precisa estar articulada à organização da rotina da escola infantil. A rotina estabelece a organização do tempo e do espaço onde as experiências acontecem. O dia a dia das crianças é composto por constantes transições entre propostas pedagógicas e momentos de cuidado, como a acolhida inicial, a chamada, as refeições, a higiene, o descanso e a saída. Quando essas passagens de uma atividade para outra acontecem de maneira abrupta ou autoritária, costumam provocar inquietação e desarmonia na turma.

É nesse cenário que a música atua como procedimento de acolhimento e marcação temporal. Segundo Silva (2024), a canção planejada substitui ordens duras e avisos repentinos por um convite suave: uma melodia calma auxilia a turma a desacelerar após o almoço, enquanto cantigas com ritmo marcado preparam os alunos para momentos de escuta e contação de histórias. Assim, a rotina ganha previsibilidade e estabilidade emocional sem que se recorra a comandos repressivos.

Por outro lado, autores como Gohn e Stavracas (2010) advertem que a prática escolar frequentemente desvia a música de seu sentido educativo e estético. Em muitas instituições, o ato de cantar é reduzido a ações mecânicas voltadas apenas ao controle disciplinar e à formação de hábitos, tais como canções entoadas unicamente para exigir silêncio, organizar a fila ou apressar o lanche. Essa visão instrumental empobrece a experiência infantil, pois transforma a música em uma ferramenta de controle de conduta em vez de um momento de criação e expressão.

Para superar essa limitação, a literatura pedagógica ressalta a importância da mediação docente e da intencionalidade pedagógica. Morais e Santos (2024) destacam o papel do professor no processo de musicalização, enquanto Gohn e Stavracas (2010) defendem experiências que não se restrinjam à reprodução de gestos. Isso exige que o educador planeje o ambiente, escolha canções adequadas à faixa etária e ofereça

ISSN: 2358-8829

oportunidades para que as crianças experimentem materiais sonoros e inventem seus próprios sons.

Contudo, para que o professor exerça essa mediação com segurança, é indispensável enfrentar as lacunas históricas da formação docente. A falta de preparo prático e teórico nos cursos de graduação em Pedagogia faz com que muitos educadores sintam insegurança ao trabalhar com música, limitando-se a reproduzir modelos prontos ou a restringir as canções a datas comemorativas de calendário. Diante disso, a formação continuada surge como um caminho indispensável para que os profissionais da Educação Infantil se apropriem da música como linguagem viva, sensível e transformadora da prática pedagógica (SILVA, 2026).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das produções selecionadas foi organizada em três categorias: a música como elemento de organização da rotina escolar; a relação entre musicalidade e desenvolvimento da linguagem; e a importância do planejamento e da formação docente. Essas categorias permitem discutir como a música pode estar presente no cotidiano da Educação Infantil, tanto na organização dos diferentes momentos do dia quanto nas experiências de interação e aprendizagem das crianças.

4.1 A Música na Organização do Cotidiano Escolar: O Contraste entre o Controle Disciplinar e o Acolhimento nas Transições

A literatura examinada aponta uma tensão entre a presença da música na rotina escolar e as finalidades atribuídas a seu uso em alguns contextos. Nos estudos consultados, há situações em que as canções são empregadas principalmente para organizar horários e condutas, em vez de serem exploradas também como experiências de expressão, criação e aprendizagem.

Gohn e Stavracas (2010) constatam que a prática escolar costuma prender as manifestações sonoras a padrões mecânicos, nos quais cantar serve quase unicamente para conduzir a fila, exigir que as crianças fiquem caladas ou apressar o lanche. Essa constatação coincide com os dados de sala de aula levantados por Soler (2008), que registrou a utilização constante de canções de rotina, especialmente *"Meu Lanchinho"*, com a função básica de avisar que a refeição ia começar. Fundamentada em Barbosa

(2000) e Beyer (2001), Soler (2008) pontua que as canções de transição funcionam como um sinal sonoro claro: ao ouvirem o canto da professora, os pequenos compreendem de imediato que devem interromper as brincadeiras e se preparar para a próxima tarefa.

O ponto crítico revelado pelos dados é que essas passagens entre uma atividade e outra costumam ser pouco refletidas no planejamento dos professores. Em razão disso, momentos de transição acabam gerando desatenção, correrias e conflitos entre os pequenos. Em contraposição a essa realidade, Silva (2024) demonstra que a música planejada tem a capacidade de humanizar o tempo da escola. Em lugar de atuar como uma ordem disciplinar, a canção pode estar presente ao longo de toda a jornada: na recepção dos alunos, nas rodas de conversa, no repouso e na preparação para ouvir histórias. Cantar para anunciar uma história, por exemplo, tranquiliza a turma e desperta a curiosidade sem a necessidade de broncas ou imposições, tornando a rotina previsível, estável e emocionalmente segura.

4.2 A Musicalidade na Apropriação da Linguagem: Da Consciência Sonora ao Trabalho com as Letras das Canções

Neste trabalho, o termo "ferramenta alfabetizadora" não significa ensinar formalmente a leitura e a escrita na Educação Infantil. A ideia é mostrar como a música pode contribuir para o desenvolvimento da linguagem das crianças por meio de brincadeiras com rimas, sons, palavras e sílabas, além de ampliar o vocabulário e incentivar a comunicação. Essas experiências devem acontecer de forma lúdica, respeitando a idade e o desenvolvimento das crianças.

Nesse sentido, Soares (2003) destaca a relação entre alfabetização e letramento, que são processos diferentes, mas que se complementam. A musicalidade pode criar oportunidades para que as crianças explorem os sons da língua e participem de situações de comunicação. No entanto, essa contribuição depende de como as atividades são planejadas e conduzidas pelo professor.

Morais e Santos (2024) retomam Brito (2003) ao reforçar que a sensibilidade ao som antecede a chegada à escola. Na Educação Infantil, essa relação se desenvolve quando a voz, o movimento do corpo e os jogos cantados passam a fazer parte do dia a dia.

ISSN: 2358-8829

A literatura discutida permite considerar que o canto coletivo, o ato de bater palmas no ritmo da música e a manipulação de pequenos instrumentos refinam a escuta infantil. Essa vivência pode favorecer a consciência fonológica, que é a capacidade de perceber que a fala é formada por sons que rimam, combinam-se e dividem-se em sílabas. Silva (2024) observa que canções que acumulam partes e brincam com sons de animais ou objetos exercitam a memória, aumentam o vocabulário e ensinam a criança a relacionar sons falados com coisas concretas do mundo.

Entretanto, as observações de campo de Soler (2008) revelam um dado relevante: embora as crianças memorizem letras inteiras com facilidade, os educadores raramente aproveitam esse interesse para conversar com elas sobre o que a letra significa. Muitas vezes, a música termina e o aparelho de som é desligado de imediato, sem que se façam perguntas sobre as palavras novas, sobre a história cantada ou sobre as rimas ouvidas. A discussão teórica deixa evidente que a canção, por si só, não produz esse efeito alfabetizador de forma automática; para que ela contribua com os processos iniciais de alfabetização, o professor precisa transformar o texto cantado em um espaço de diálogo, curiosidade e descoberta sobre a linguagem.

4.3 A Intencionalidade Pedagógica e a Realidade Docente: Desafios da Formação e Superação das Práticas Mecânicas

A formação dos professores é um dos aspectos importantes para compreender como a música é utilizada na Educação Infantil. Quando o educador não tem acesso a orientações ou experiências que o ajudem a trabalhar com a musicalidade, pode acabar utilizando as canções apenas para organizar a turma ou marcar os momentos da rotina. Por isso, é importante compreender a música não somente como um recurso para manter a organização, mas também como uma possibilidade de expressão, interação e aprendizagem.

O uso da musicalidade precisa fazer parte do planejamento pedagógico, considerando os objetivos de cada atividade e as necessidades das crianças. Dessa forma, o professor pode propor experiências musicais que contribuam para a participação, a comunicação e o desenvolvimento infantil.

A terceira categoria aborda a mediação, o planejamento e a formação do professor. A literatura da área defende que o educador é o mediador principal entre a cultura musical e o desenvolvimento da criança. Todavia, os resultados mostram que as

ISSN: 2358-8829

atividades musicais nas escolas ainda permanecem bastante presas à repetição de gestos ou restritas a datas comemorativas.

Conforme alertam Gohn e Stavracas (2010), a música na escola é frequentemente apresentada como um produto pronto, em que a criança deve apenas copiar o que o adulto faz, sem liberdade para inventar sons ou criar ritmos. Essa observação ganha força com a pesquisa de Soler (2008), que identificou escolas onde a música resumia-se, durante meses a fio, a ensaios cansativos para as apresentações de Festa Junina ou Dia das Mães. Nesses momentos, a preocupação em fazer bonito para os pais acaba se sobrepondo ao prazer da criança e ao processo educativo.

A formação docente aparece como um dos fatores relevantes para compreender essas dificuldades. O estudo de Soler (2008), mostra que a grande maioria das professoras valoriza a música, mas declara não ter tido disciplinas práticas sobre o tema em seus cursos de Pedagogia. Essa falta de formação gera insegurança e faz com que muitos educadores reproduzam o que já viram ou evitem propostas mais criativas. Diante disso, tanto Gohn e Stavracas (2010) quanto Silva (2026) defendem a necessidade de cursos de formação continuada que ofereçam vivências práticas com o som. Com repertório e apoio pedagógico, o professor ganha autonomia para planejar atividades musicais conscientes, integrando as canções à rotina como ferramentas permanentes de acolhimento, respeito e desenvolvimento da infância.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo compreender como a musicalidade pode contribuir para a organização da rotina pedagógica e para os processos iniciais de alfabetização e letramento na Educação Infantil. A partir da pesquisa bibliográfica realizada, foi possível refletir sobre a música para além de seu uso como recurso para organizar horários, conduzir filas ou solicitar silêncio, reconhecendo-a como uma linguagem que pode fazer parte das experiências de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

A discussão desenvolvida aponta que a musicalidade, quando integrada de maneira planejada ao cotidiano escolar, pode favorecer momentos de acolhimento, transição entre atividades, brincadeira, alimentação e encerramento da jornada. As

ISSN: 2358-8829

canções e experiências sonoras podem tornar esses momentos mais significativos, contribuindo para a participação das crianças e para a construção de uma rotina mais acolhedora. Entretanto, é importante que a música não seja utilizada apenas como instrumento de controle de comportamentos, mas como uma experiência que valorize a expressão, a criatividade e a interação infantil.

No que se refere à alfabetização e ao letramento, a literatura consultada permite compreender que as canções, parlendas, rimas e brincadeiras rítmicas podem contribuir para o desenvolvimento da consciência fonológica, da escuta e da percepção dos sons da linguagem. Essas experiências possibilitam que as crianças explorem os sons, as palavras e seus significados de forma lúdica. Contudo, a musicalidade não deve ser compreendida como garantia de alfabetização, mas como uma possibilidade pedagógica que pode enriquecer as experiências com a linguagem, especialmente quando acompanhada da mediação intencional do professor.

Nesse contexto, destaca-se o papel do educador no planejamento e na organização das experiências musicais. A escolha das canções, a forma como são apresentadas e as possibilidades de participação oferecidas às crianças influenciam o sentido pedagógico dessas práticas. Por isso, a formação inicial e continuada dos professores mostra-se importante para ampliar o conhecimento sobre a música como linguagem e favorecer propostas que ultrapassem a reprodução de canções prontas e de atividades restritas às datas comemorativas.

Como limitação, destaca-se o caráter bibliográfico deste estudo, que se baseou na leitura e discussão de produções acadêmicas e documentos curriculares, sem a realização de uma investigação empírica em instituições de Educação Infantil. Dessa forma, as reflexões apresentadas não pretendem generalizar as contribuições da musicalidade para todas as realidades escolares, mas ampliar a compreensão sobre suas possibilidades pedagógicas.

Conclui-se que a musicalidade pode integrar de forma significativa a rotina da Educação Infantil, contribuindo para experiências de acolhimento, interação, expressão e aprendizagem. Para isso, é necessário que seja reconhecida como parte do trabalho pedagógico e não apenas como um recurso complementar. Espera-se que este estudo contribua para a reflexão de professores e estudantes de Pedagogia sobre a importância de planejar experiências musicais que respeitem as especificidades da infância e valorizem a criança como sujeito ativo de seu processo de aprendizagem. Sugere-se,

ainda, que futuras pesquisas investiguem como essas práticas são desenvolvidas no cotidiano das instituições de Educação Infantil.

6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Fragmentos sobre a rotinização da infância**. *In*: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO INFANTIL: a busca da qualidade, 2000, Águas de Lindóia. Anais [...]. São Paulo: OMEP, 2000. p. 43-47.

BEYER, Esther. A interação musical em bebês: algumas reflexões sobre processos de comunicação na primeira infância. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 10., 2001, Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: ABEM, 2001. p. 1-8.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. 3 v.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 maio 2016.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança**. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.

GOHN, Maria da Glória; STAVRACAS, Isa. O papel da música na Educação Infantil. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 85-101, jul./dez. 2010. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71518580013. Acesso em: 24 out. 2026.

MORAIS, Giovana Alexandrina; SANTOS, Maria Betânia de Castro Nunes. A musicalização na Educação Infantil e o reflexo na aprendizagem e no desenvolvimento da criança. **Revista Científica FADMINAS**, Lavras, v. 8, n. 1, p. 98-117, 2024.

SILVA, Adrijana Patricija Ozolins de Anchieta. A musicalização na Educação Infantil: contribuições para o desenvolvimento integral. *In*: TOMASI, Cristina Carvalho (org.). **Educação que transforma realidades: conhecimento que liberta e práticas que mudam vidas**. São Paulo: Marini Editora, 2026. p. 14-21. DOI: 10.5935/978-65-83871-75-6.B001.

SILVA, Wagner Aparecido da. A música na educação infantil: um instrumento lúdico e transformador para o desenvolvimento integral da criança. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, Portugal, v. 16, n. 9, p. 1-10, 2024. DOI: 10.55905/cuadv16n9-072.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOLER, Karen Ildete Stahl. **A Música na Educação Infantil: um estudo das EMEIs e EEIs da cidade de Indaiatuba - SP**. 2008. 242 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo, 2008.